

William Shakespeare

Macbeth

Tradução e adaptação em português de
Hildegard Feist

Ilustrações de
Jótah



editora scipione

Gerente editorial

Sâmia Rios

Editora

Sâmia Rios

Assistente editorial

José Paulo Brait

Revisoras

Ana Curci,

Fátima de Carvalho M. de Souza
e Nair Hitomi Kayo

Coordenadora de arte

Maria do Céu Pires Passuello

Programador visual de capa e miolo

Didier D. C. Dias de Moraes

Diagramadora

Ana Lucia C. Del Vecchio



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

2019

ISBN 978-85-262-4661-4 – AL

CL: 734183

CAE: 223027

1.ª EDIÇÃO

12.ª impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Macbeth*, em
The complete works of William Shakespeare.
Garden City/New York: Nelson Doubleday,
s.d. v. II.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Feist, Hildegard

Macbeth / William Shakespeare; tradução e
adaptação em português de Hildegard Feist; ilustra-
ções de Jótah. – São Paulo: Scipione, 2002. (Série
Reencontro literatura)

Título original: Macbeth

1. Literatura infantojuvenil I. Shakespeare,
William, 1564-1616. II. Jótah. III. Título. IV. Série.

02-5512

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

• • •
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• • •

SUMÁRIO

<i>Quem foi William Shakespeare?</i>	4
Capítulo 1 – Um combate sangrento	7
Capítulo 2 – “Logo serás rei!”	10
Capítulo 3 – Lady Macbeth	17
Capítulo 4 – Trama sinistra	23
Capítulo 5 – As mãos sujas de sangue	28
Capítulo 6 – Gritos na noite	35
Capítulo 7 – Morte por encomenda	45
Capítulo 8 – O intruso invisível	51
Capítulo 9 – Aparições proféticas	57
Capítulo 10 – O massacre dos inocentes	62
Capítulo 11 – O teste da verdade	67
Capítulo 12 – Marcha para a fronteira	73
Capítulo 13 – A mancha indelével	77
Capítulo 14 – Uma estratégia brilhante	81
Capítulo 15 – Uma floresta em movimento	85
Capítulo 16 – A batalha final	90
Capítulo 17 – Viva o rei!	93
<i>Quem é Hildegard Feist?</i>	96

QUEM FOI WILLIAM SHAKESPEARE?

No verão de 1587, um rapaz interiorano andava pelas ruas de Londres. Tinha consigo apenas algumas libras, mas finalmente encontrava-se no ambiente propício para desenvolver a sua vocação: a literatura.

A capital inglesa havia sido, por muito tempo, apenas um sonho para William Shakespeare. Nascido em 1564, em Stratford-upon-Avon, gozou de uma vida abastada até os 12 anos. A partir de então, com a falência de seu pai, viu-se obrigado a trocar os estudos pelo trabalho árduo, passando a contribuir para o sustento da família. Guardava, entretanto, os conhecimentos adquiridos na escola elementar, onde havia iniciado seus estudos de inglês, grego e latim; por sua própria conta, continuou a ler os autores clássicos, poemas, novelas e crônicas históricas. Era também um profundo conhecedor da Bíblia.

Aos 18 anos, já estava casado com a rica Anna Hathaway, com quem teve três filhos. Não se sabe ao certo por que motivo seguiu sozinho para Londres, quando contava 23 anos; o fato é que veio a tornar-se a figura mais expressiva da literatura inglesa. Foi o maior poeta e dramaturgo do Renascimento de seu país.

De maneira bem simples, podemos definir o Renascimento como a retomada da cultura da Antiguidade clássica, baseada na valorização de todas as capacidades do homem e no estudo e conhecimento da natureza, que se desencadeou em vários países da Europa nos séculos XIV, XV e XVI, reformulando as artes, as letras e as ciências. Esses princípios eram bem diferentes daqueles que nortearam a cultura medieval, centralizada na adoração a Deus e no estudo exclusivo dos livros sagrados e dos assuntos espirituais.

Vários foram os fatores que determinaram esse processo: a centralização do poder na figura dos reis, que estimulavam a pro-

dução artística, esperando obter, dessa forma, uma promoção pessoal; o desenvolvimento do comércio e das cidades; e o enriquecimento dos comerciantes, que passaram a pagar para que artistas e literatos produzissem obras que divulgassem os valores dessa classe em ascensão.

Tal efervescência cultural era bastante acentuada em Londres, onde se desenvolvia uma intensa atividade teatral. As peças, além de encenadas, eram impressas em livros e folhetins, os quais eram rapidamente consumidos pelo público. Assim, as companhias eram obrigadas a renovar seus repertórios com frequência, encomendando peças inéditas aos autores da época.

Shakespeare iniciou sua carreira como ator, na companhia teatral do conde de Leicester. Pouco tempo depois, passou a dedicar-se à adaptação de textos alheios para o palco. O sucesso obtido nessa atividade levou-o a escrever suas próprias peças – a primeira delas foi o drama histórico *Henrique IV*, em 1591.

Nos dez anos seguintes, Shakespeare – agora com sua própria companhia teatral – escreveu 15 peças, quase todas comédias leves e dramas históricos ou sentimentais, como *Sonho de uma noite de verão*; *A megera domada*; *Muito barulho por nada*; *Ricardo III*; e *Romeu e Julieta*. A partir de 1601, durante um período de recolhimento e meditação, elaborou a maior parte de suas tragédias, como *Otelo*; *Hamlet*; *Rei Lear* e *Macbeth* – esta é considerada, por alguns críticos, a sua “fase sombria”. A maioria dessas obras já foi adaptada para a série Reencontro literatura e vem obtendo grande sucesso de público, ano após ano.

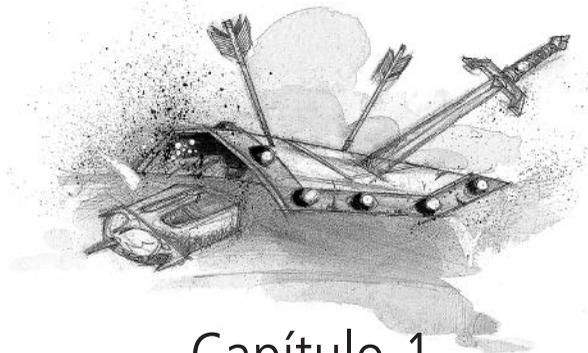
Para escrever *Macbeth*, a última de suas grandes tragédias – e a mais curta –, Shakespeare baseou-se nas *Crônicas da Inglaterra, Escócia e Irlanda* (1577), do historiador inglês Raphael Holinshed, que morreu por volta de 1580. Entretanto, como costumava fazer, manejou as informações com grande liberdade, para expor a trajetória de um homem que se arruína completamente por causa da ambição desmedida. Na vida real, Macbeth efetivamente matou seu antecessor, Duncan I, que considerava um usurpador, porém governou com competência e, dentro do possível, com justiça. Estabeleceu a lei e a

ordem no país e, muito religioso, fez uma peregrinação a Roma. Nascido em 1005, casou-se, em 1033, com Gruach, neta de um dos primeiros soberanos escoceses, e foi morto por Malcolm, filho de Duncan, em 1057, após dezessete anos de reinado.

Escrita provavelmente em 1606, *Macbeth* talvez tenha estreado na corte do rei Jaime I em agosto do mesmo ano. Contudo, a primeira apresentação de que se tem registro data de 1611 e ocorreu no Globe Theatre, o teatro de Shakespeare, em Londres. Como muitos de seus contemporâneos, Jaime I era fascinado por feitiçaria, e Shakespeare incluiu na obra três feiticeiras, que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do enredo. Também substituiu os dinamarqueses que participaram da rebelião focalizada na peça por noruegueses, já que Cristiano da Dinamarca assistiria à representação. O desfile dos reis, na cena I do ato IV, constitui outra de suas alterações, para glorificar a dinastia dos Stuart, à qual Jaime I pertencia.

Muitos atores se recusam a pronunciar o nome da peça, preferindo chamá-la de “a peça escocesa”, porque acreditam que o nome Macbeth dá azar. Há muitas histórias de acidentes associados com produções da peça. O pior de todos aconteceu em Nova York, em maio de 1849, quando um tumulto provocado pela representação resultou em 22 mortos e mais de 150 feridos.

Macbeth inspirou uma ópera ao compositor italiano Giuseppe Verdi, que estreou em 1847, e ao menos dois grandes filmes: *Macbeth, reinado de sangue*, de Orson Welles, e *Um trono manchado de sangue*, de Akira Kurosawa.



Capítulo 1

Um combate sangrento

Três vultos altos e magros como lanças espetadas no chão rodeavam uma fogueira em meio a um campo solitário da Escócia, nas proximidades do lago Ness. As chamas, sopradas pelo vento, iluminavam seus rostos murchos e, sem lhes causar dano algum, lambiam os farrapos negros que cobriam seus corpos esqueléticos, desde os cabelos desgrenhados até os pés descalços. As três estranhas figuras, mais parecidas com seres de outro mundo que com criaturas humanas, eram feiticeiras de velha estirpe, versadas em artes ancestrais que, acreditava-se, lhes permitiam predizer o futuro, voar como os pássaros, fazer o dia virar noite, provocar tempestades, arruinar pessoas e realizar mais um sem-número de proezas.

Resmungando confusas fórmulas de encantamento que aprenderam com suas mães e suas avós, elas se concentravam em visualizar no fogo o desfecho da feroz batalha que se travava junto ao estuário do rio Forth, a mais de cem quilômetros dali. Estavam acostumadas a ver os escoceses penarem com enfrentamentos constantes entre famílias e clãs que disputavam riquezas e terras, com sucessivas invasões de povos nórdicos, com assassinatos de teor político, com devastadoras insurreições. E nunca perdiam a oportunidade de acompanhar esses

dramas a distância, ainda que fosse pelo simples prazer de assistir a cenas cruentas e exercitar seus poderes, fazendo prognósticos sobre o destino dos principais envolvidos.

– O combate permanece indeciso – a primeira feiticeira observou, sem alegria nem tristeza, indiferente à imagem que seus olhos esbugalhados de sapo distinguiam nas chamas. – Os adversários parecem dois nadadores que se agarram um ao outro, exaustos, e não conseguem sair do lugar.

E indeciso o combate permaneceu por muito tempo, pois havia um exasperante equilíbrio de forças entre o exército escocês – comandado conjuntamente pelo bravo Macbeth, senhor de Glamis, e pelo nobre Banquo – e as hordas do implacável Macdonwald, que pretendia usurpar o trono de Duncan, o rei legítimo da Escócia.

– Macbeth vai matar Macdonwald – a segunda feiticeira anunciou, no mesmo tom apático de sua companheira.

Com efeito, conduzindo seu cavalo pelo campo alagado de sangue, pisoteando mortos e moribundos, derrubando todos os que se interpunham em seu caminho, o senhor de Glamis conseguiu finalmente aproximar-se do chefe inimigo. Apoiado apenas nos estribos, ergueu a espada com ambas as mãos e transpassou o peito do traidor, pondo em debandada as tropas rebeldes.

– Mas a batalha não terminou – advertiu a terceira feiticeira.

Estava certa: antes que pudesse comemorar o que parecia ser sua vitória, o exército real ouviu um tropel ensurdecedor e logo se deparou com um vasto contingente, formado por invasores noruegueses e por mercenários que o senhor de Cawdor fornecera a Macdonwald. O próprio Sweno, rei da Noruega, que se comprometera a ajudar os insurgentes em troca de territórios, encabeçava as hostes. Animados com a chegada desses reforços, os revoltosos em fuga decidiram retomar a luta e defender até o fim a causa de seu comandante, como se com isso lhe prestassem uma homenagem póstuma.

– Agora os generais de Duncan têm de se haver com um adversário muito mais forte e numeroso, porém não se intimidam – a primeira feiticeira comentou.

– Macbeth se intimida tanto quanto a águia diante do pardal – a segunda ironizou.

– E Banquo mostra o mesmo pavor do leão diante do coelho – a terceira completou, igualmente sarcástica.

De fato, os dois generais rapidamente reorganizaram seus homens e, com redobrada energia, os incitaram a prosseguir num combate que se tornara desproporcional. A batalha se estendeu pela tarde adentro, até que, abrindo caminho por entre as fileiras inimigas, Macbeth foi se confrontar diretamente com Sweno, espada contra espada, braço contra braço, e acabou por subjugá-lo.

– O norueguês se rende – a primeira feiticeira grunhiu.

– Mas, para poder enterrar seus mortos e retirar-se, terá de pagar uma polpuda soma aos vencedores – a segunda ressaltou.

– Além de assinar um acordo de paz – rematou a terceira.

Um grande silêncio pairou sobre o país. Durante uma hora longa como um dia, nem os pássaros piaram, nem as árvores agitaram suas ramagens, nem os rios marulharam. E então, de repente, um grito de vitória percorreu a distância e ecoou por todo o reino.

– Cawdor será executado por ordem de Duncan – a primeira feiticeira proclamou.

– E, por ordem de Duncan, seu título pertencerá a Macbeth – a segunda acrescentou.

– Assim como suas propriedades – a terceira concluiu.

– Vamos contar a Macbeth – as três decidiram, impassíveis como sempre. – Vamos encontrá-lo, voando por entre a névoa e o ar impuro. O belo é feio e o feio é belo – resmungaram enigmaticamente, antes de desaparecer no vento.